

# Educação Empreendedora na Educação Básica: uma revisão sistemática da literatura

## *Entrepreneurship Education in Basic Education: a systematic literature review*

### Marise Regina Barbosa Uemura

 Universidade de São Paulo (USP)  
 [mariseuemura@alumni.usp.br](mailto:mariseuemura@alumni.usp.br)  
 <https://orcid.org/0000-0001-7573-0321>

### Liliana Vasconcellos

 Universidade de São Paulo (USP)  
 [lilianav@usp.br](mailto:lilianav@usp.br)  
 <https://orcid.org/0000-0001-8643-1503>

### Luiz Henrique da Silva

 Universidade de São Paulo (USP)  
 [luizhenrique301@hotmail.com](mailto:luizhenrique301@hotmail.com)  
 <https://orcid.org/0000-0002-7076-831X>

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a literatura sobre educação empreendedora (EE) na educação básica. Foram escolhidas as bases *Web of Science* e Portal de Periódicos da CAPES, resultando em 38 artigos publicados entre 1998 e 2019. A revisão identificou a concentração de artigos originados de países europeus e a predominância de periódicos da área de Administração & Economia, seguida por Educação. A análise de conteúdo identificou grupos temáticos: análise curricular, políticas e práticas pedagógicas; avaliação e efeitos de iniciativas; perfil empreendedor de alunos; e perspectivas teóricas e histórico da EE. Pontos relevantes e algumas oportunidades: (a) pouco é debatido sobre práticas pedagógicas; (b) concentração de países, com predominância europeia; (c) há espaço para mais pesquisas sobre efeitos de iniciativas de EE; (d) avaliação de iniciativas comparando práticas pedagógicas, conteúdos e formatos; (e) pesquisas nacionais em periódicos de maior impacto.

**Palavras-Chave:** Educação Empreendedora; Empreendedorismo; Educação Básica.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the literature on entrepreneurship education (EE) in basic education. The databases *Web of Science* and *Portal de Periódicos da CAPES* were chosen, resulting in 38 articles published between 1998 and 2019. The review identified the concentration of articles originating from European countries and the predominance of journals in Administration & Economics, followed by Education. Content analysis identified thematic groups: curriculum analysis, pedagogical policies and practices; evaluation and effects of initiatives; entrepreneurial profile of students; and theoretical and historical perspectives of EE. Relevant points and some opportunities: (a) little is discussed about pedagogical practices; (b) concentration of countries, with European predominance; (c) there is room for more research on the effects of EE initiatives; (d) evaluation of initiatives comparing pedagogical practices, contents and formats; (e) national research in journals of greater impact.

**Key-words:** Entrepreneurship Education; Entrepreneurship; Primary Education.

## 1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem sido bastante discutido nas últimas décadas. Responsáveis por políticas na Europa e EUA acreditam que é necessário estimulá-lo para atingir níveis elevados de crescimento econômico e inovação (Oosterbeek *et al.*, 2010). Um dos pilares desse processo é a Educação Empreendedora (EE), que tem como objetivo fomentar a iniciativa empreendedora e seus efeitos positivos em indivíduos, empresas, regiões e países, preparando os empreendedores com as habilidades, recursos e competências necessárias para alcançar esse propósito (Rocha *et al.*, 2023). Em 2017, o relatório *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) recomendou às instituições educacionais e acadêmicas o desenvolvimento de programas de empreendedorismo desde o estágio escolar até o universitário, sugerindo que o empreendedorismo jovem, para adolescentes em idade escolar, tenha a orientação de professores, executivos e estudantes universitários (GEM, 2018).

A Comissão Europeia considera a EE um dos principais objetivos na agenda para o empreendedorismo, que resultou na elaboração de um plano de ação para encorajar as pessoas a serem empreendedoras, apoiando o desenvolvimento e o crescimento de seus negócios (European Commission, 2016). A instituição justifica seu foco na promoção da EE em todos os níveis educacionais, afirmando que não é necessário nascer empreendedor, mas é possível tornar-se um, desenvolvendo habilidades e uma mente empreendedora (European Commission, 2019).

Nos Estados Unidos, país que tem o empreendedorismo como parte de sua história e cultura, a EE para crianças e jovens também têm recebido atenção. O programa oferecido pela *Hawken School* a adolescentes, destaca em sua definição a utilização do empreendedorismo como um meio para proporcionar aos estudantes o aprendizado de habilidades do século XXI, como resolução de problemas, colaboração e pensamento crítico (Greene *et al.*, 2015).

Destaca-se que o debate sobre como ensinar empreendedorismo tem ganhado destaque (Motta; Galina, 2023), sendo uma das áreas disciplinares de maior crescimento em todo o mundo (Ratenn; Usmanji, 2021). Isso evidencia a EE como uma área propulsora de investigação científica (Ratenn; Usmanji,

2021) que tem se expandido rapidamente e atraído o interesse de pesquisadores notáveis (Sreenivasan; Suresh, 2023), que estão atentos à relevância da prática para os processos de ensino e aprendizagem (Avila; Davel, 2023). Entretanto, apesar de sua popularidade, ainda há um longo caminho a percorrer (Ratenn; Usmanji, 2021), uma vez que existem muitas áreas potenciais inexploradas para pesquisa (Sreenivasan; Suresh, 2023).

Embora esteja claro que existe um movimento em diversos países para a promoção da EE também na educação básica (Carvalho *et al.*, 2022; Fayolle; Gailly, 2015), além do nível universitário, há espaço para o desenvolvimento do campo de estudo. Fellnhofner (2019), em sua revisão de literatura sobre a EE, constatou que a pesquisa nesse tema ainda é concentrada na educação superior, especialmente em escolas de administração, havendo uma omissão em relação à EE direcionada a crianças, estudantes de ensino médio, imigrantes entre outros.

Dentre as revisões de literatura sobre a EE, algumas abordam apenas o nível universitário (Ghina *et al.*, 2015; Kakouris; Georgiadis, 2016; Nabi *et al.*, 2017; Naia *et al.*, 2014; Silva; Pena, 2017; Thomassen *et al.*, 2019) e outras, mesmo sem restringir o nível de ensino, não enfatizam outros níveis ou apresentam resultados em que o universitário prevalece (Fellnhofner, 2019; Galvão *et al.*, 2018; Johan *et al.*, 2018; Ribeiro; Plonski, 2020).

O Objetivo 4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sobre Educação de Qualidade afirma que uma de suas metas é “aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo” (Organização das Nações Unidas, 2015, p. 23). Assim, abre-se a oportunidade para realizar uma revisão sistemática da literatura de EE voltada ao ensino médio, etapa final da educação básica, que no Brasil é composta também pela educação infantil e ensino fundamental (Brasil, 1996). Devido ao número limitado de artigos relacionados à EE no ensino médio, ampliou-se para a educação básica.

O objetivo deste estudo é, portanto, analisar a literatura sobre EE na educação básica, considerando os principais aspectos, metodologias utilizadas, resultados alcançados e oportunidades de estudos futuros.

Além da evolução das publicações e dos autores, pretende-se sintetizar e organizar o conhecimento existente por meio da identificação de *clusters* ou grupos de pesquisa. Conforme justificam López-Fernández *et al.* (2016), este estudo permitirá uma visão mais realista do campo em questão.

As seguintes seções fazem parte deste trabalho, além desta introdução: um breve referencial teórico; os procedimentos metodológicos adotados; os resultados das análises; e por fim as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Breve contextualização sobre a Educação Empreendedora na educação básica

A EE pode ser definida como a aprendizagem interativa associada a iniciativas empresariais e comunitárias (Boon *et al.*, 2013), bem como a transmissão formal e estruturada de habilidades empreendedoras (Alberti *et al.*, 2004). Essa abordagem possibilita que os estudantes identifiquem as competências essenciais para iniciar um empreendimento com êxito e fortaleçam sua confiança na execução dessas tarefas (Engle *et al.*, 2010). Consequentemente, os estudantes desenvolvem as competências e a mentalidade necessárias para transformar ideias criativas em empreendimentos concretos (Henry; Lewis, 2018).

A EE teve sua origem no nível universitário. Após a Segunda Guerra Mundial, foi criado em 1945 nos EUA o primeiro curso de empreendedorismo pela *Harvard Business School*, (Vesper; Gartner, 1997). Nas décadas seguintes surgiram programas em cursos de negócios de universidades do Canadá, Escócia e Austrália (Mcmullan; Long, 1987), além do Reino Unido, envolvendo o apoio para a abertura de empresas (Gibb, 1987). No final dos anos 90, o incentivo ao empreendedorismo passou a ser mais discutido pela Comunidade Europeia, sobretudo a importância de incluir o tema nos diversos níveis escolares (European Commission, 2002). O sistema educacional formava funcionários para grandes empresas públicas ou privadas e não pessoas preparadas para terem um negócio próprio.

O avanço da EE em outros níveis educacionais motivou discussões conceituais de diferentes abordagens presentes na literatura. Visto que o empreendedorismo engloba tanto a identificação de oportunidades, o trabalho por conta própria, além do estímulo às atitudes empreendedoras como autonomia, iniciativa e orientação para a ação (Fayolle; Gailly, 2008), estes aspectos são refletidos no contexto educacional. Programas de EE influenciam atitudes e comportamentos tanto para estimular a carreira autônoma como para reforçar ao indivíduo seu papel na sociedade (Mwasalwiba, 2010). Na educação básica, programas de EE incluem o desenvolvimento de competências como autoeficácia e proatividade (Sánchez, 2013), incentivo ao empreendedorismo social (Berglund *et al.*, 2017) e a prática de criação de empresas fictícias e venda de produtos na escola (Elert *et al.*, 2015; Fejes *et al.*, 2019).

Dentre os motivos que justificam a importância da EE em escolas, estão o engajamento e o estímulo aos desafios sociais (Lackéus, 2015), seu valor prático, sua contribuição para impulsionar a prosperidade econômica (Ratten; Usmanji, 2021) e o desenvolvimento de aptidões e competências empreendedoras (Motta; Galina, 2023). Segundo Sarasvathy e Venkataraman (2011), a introdução do empreendedorismo desde cedo permite a construção de uma mentalidade empreendedora, desenvolvendo um conjunto de habilidades de raciocínio e resolução de problemas. Para Silva *et al.* (2021), nesse contexto, o papel do professor consiste em ser um mediador, facilitador e motivador, para que, por meio das estratégias pedagógicas ajustadas e alinhadas com a realidade, ele possa instigar nos estudantes o anseio de se envolver no mundo empreendedor.

### 2.2 Publicações de revisão sistemática sobre Educação Empreendedora

A lacuna identificada que abriu oportunidade para a produção do presente estudo, decorre da inexistência de revisões de literatura sobre a EE com foco específico em ensino médio.

O Quadro 1 apresenta publicações de revisão sistemática de literatura e análise bibliométrica, agrupadas conforme o nível de ensino, havendo algumas que trataram apenas da EE no nível universitário.

Outras não restringiram as buscas, porém os resultados da análise refletem apenas esse nível, como é o caso de Galvão *et al.* (2018), que identificaram três *clusters* como tendências da literatura: universidades empreendedoras, espírito empreendedor e processo de criação de empresas. Fellnhofer (2019) também não restringe o nível de ensino, mas nenhum destaque é dado à EE para jovens do ensino médio, apenas sugere estudos futuros sobre outros níveis e públicos.

Em seu estudo bibliométrico, Johan *et al.* (2018) identificaram uma pesquisa que retratou percepções positivas de estudantes em relação à experiência com empreendedorismo em um instituto técnico de nível médio. Os autores destacam a importância da EE ser contemplada na formação de crianças e jovens, “estabelecendo assim um ambiente propício ao desenvolvimento do empreendedorismo” (Johan *et al.*, 2018, p. 130).

**Quadro 1** Revisões de literatura sobre EE

Obra	Foco	Resultados	Periódico
<b>Sem restrição de nível de ensino</b>			
Ribeiro e Plonski (2020)	Tópicos de concentração e tendências de artigos mais relevantes.	Nove grupos, maior concentração de trabalhos sobre intenção empreendedora.	REGPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas
Fellnhofer (2019)	Esquema taxonômico da literatura.	Oito grupos: principais áreas, autores, periódicos e organizações mais influentes.	<i>Educational Research Review</i>
Johan <i>et al.</i> (2018)	Cenário das pesquisas: caracterização da produção, aspectos metodológicos e temas correlatos.	EE representa um <i>hot top</i> , apontada como estratégica para a promoção e disseminação do empreendedorismo.	Navus - Revista de Gestão e Tecnologia
<b>Não restringe ao nível universitário, mas resultados refletem apenas esse nível</b>			
Galvão <i>et al.</i> (2018)	<i>Insights</i> sobre a educação e treinamento para o empreendedorismo como facilitadores do desenvolvimento regional.	EE como instrumento estratégico para o desenvolvimento regional. Três <i>clusters</i> .	<i>Journal of Small Business and Enterprise Development</i>
<b>Apenas nível universitário</b>			
Thomassen <i>et al.</i> (2019)	Contexto da EE.	Quadro com temas-chave em níveis: micro, meso e macro.	<i>International Journal of Entrepreneurship Behavior &amp; Research</i>
Nabi <i>et al.</i> (2017)	Impacto da EE.	Quadro de modelos de ensino: relações entre métodos pedagógicos e resultados específicos.	<i>Academy of Management Learning &amp; Education</i>
Silva e Pena (2017)	Principais métodos e práticas de EE.	Utilização de métodos mais ativos de ensino, mas também práticas passivas.	REGPE
Kakouris e Georgiadis (2016)	Evidências bibliométricas sobre estudos de aprendizagem e EE.	Poucas evidências de processos de aprendizagem avançados na pesquisa em empreendedorismo.	Journal of Global Entrepreneurship Research
Ghina <i>et al.</i> (2015)	Estrutura sistemática como diretriz para aprendizagem eficaz.	Quadro sistemático proposto para universitários.	<i>Journal of Entrepreneurship Education</i>
Naia <i>et al.</i> (2014)	Análise das contribuições teóricas nos anos 2000.	Maior foco nos trabalhos feitos em sala de aula do que no desenvolvimento de contribuições teóricas.	<i>Journal of Entrepreneurship Education</i>

**Fonte:** elaborado pelos autores.

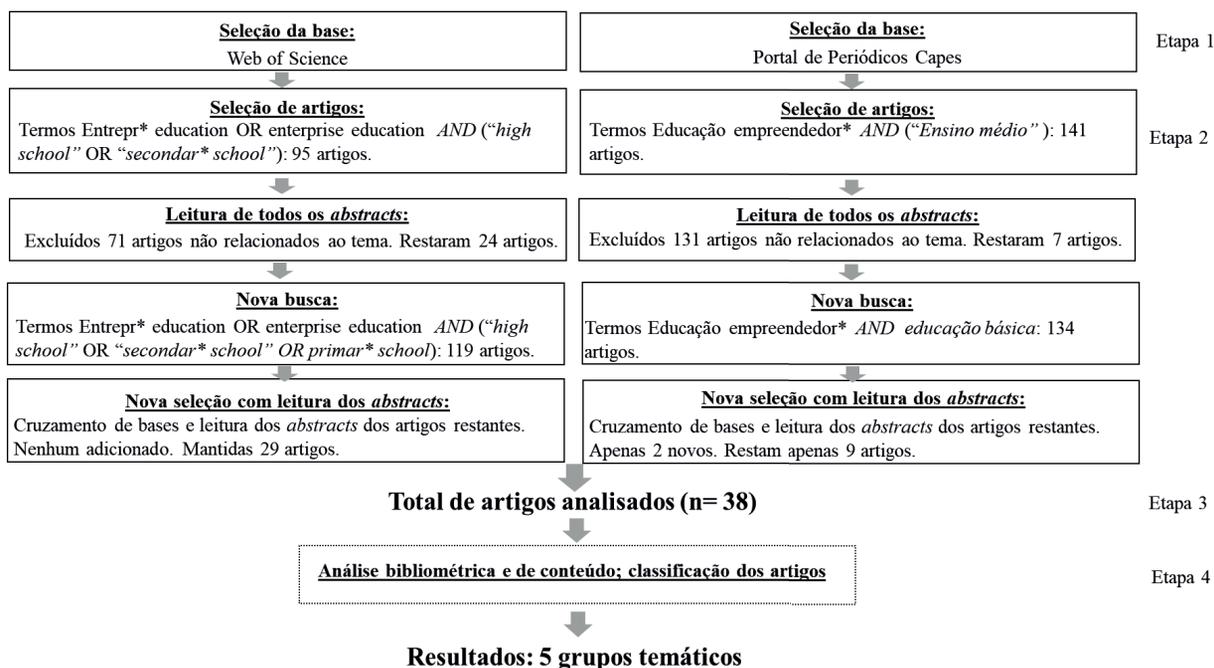
### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma revisão sistemática da literatura é uma forma de identificar, avaliar e interpretar toda a pesquisa disponível relevante para uma questão de pesquisa, área temática ou fenômeno (Kitchenham, 2004).

O método escolhido foi adaptado do modelo utilizado por Ghina *et al.* (2015), que realizaram

uma revisão da literatura e construíram um quadro sistemático para a EE no nível universitário. As etapas seguidas pelos autores foram a seleção da base de dados, seleção e classificação dos artigos e por fim sua análise. Além destas, neste trabalho estão incluídas também análises bibliométricas que constam na seção “Resultados”. As etapas estão detalhadas na Figura 1.

Figura 1 Método de revisão de literatura



Fonte: adaptado de Ghina *et al.* (2015).

A primeira etapa envolveu a escolha de duas bases de dados, uma nacional e outra internacional. A base internacional foi a *Web of Science*, que inclui documentos de outras bases de dados (como *Scopus*, *ProQuest* e *Wiley*) publicados em periódicos indexados com fator de impacto calculado no JCR (*Journal Citation Report*), conforme destacam Carvalho *et al.* Seguindo a escolha metodológica de López-Fernández *et al.* (2016), que desenvolveram um estudo bibliométrico sobre empreendedorismo e empresas familiares, utilizou-se como filtro o índice *Social Sciences Citation Index* (SSCI), que contém periódicos da área de Ciências Sociais. A base nacional foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que dis-

ponibiliza um acervo de mais de 45 mil publicações internacionais e nacionais (CAPES, 2020a).

Dando início à etapa 2, a seleção foi feita entre os meses de fevereiro e março de 2020. As primeiras consultas corresponderam ao ensino médio, foco inicial da pesquisa. A consulta na Principal Coleção do *Web of Science* teve os tópicos *entrepr\* education* e o termo boleano “OR” e *enterprise education* (podendo ser uma combinação ou outra) e “*high school*” “OR” e “*secondar\* school*”. Os tópicos contemplam a busca em títulos, resumos e palavras-chave (Sassetti *et al.*, 2018) e o uso de um termo entre aspas significa que se busca exatamente aquelas palavras. O uso de “*entrepr\**” permitiu identificar artigos com derivações como *entrepreneurial* e *entrepreneurship*.

Dos 95 artigos obtidos, apenas 24 foram mantidos para análise após a leitura dos *abstracts*, pois os demais não tratavam do tema. Dentre os excluídos, quase metade eram da área de Educação e a outra metade dividida entre Negócios e outras áreas, como Psicologia, Geografia, Ciência e Tecnologia. Embora tivessem alguma relação com empreendedorismo, como gestão escolar e professores empreendedores, a EE não era o tema central.

Uma nova busca foi feita ampliando o nível de ensino, incluindo o termo “*primar\* school*”, relativas ao nível que precede o ensino médio. Foram obtidos 119 artigos e, excluindo-se os 24 mantidos na primeira busca, foram lidos os *abstracts* dos 95 restantes. Apenas 5 artigos eram pertinentes ao tema, totalizando 29 artigos. Desta nova busca, os artigos excluídos eram também predominantemente da área de Educação, poucos de Negócios e a maior parte de outras áreas como Psicologia, Ciências Sociais, Ciências da Computação e Saúde.

Para a busca de artigos nacionais no Portal CAPES, a primeira busca considerou os tópicos *educação empreended\* AND ensino médio*, resultando em 141 artigos. Após a leitura dos respectivos resumos, apenas 9 tinham relação com EE. Em seguida, ampliou-se a consulta incluindo *educação básica*. A busca resultou em 134 artigos, mas apenas 2 eram novos, sendo descartados por não tratarem propriamente do tema, restando 9 artigos.

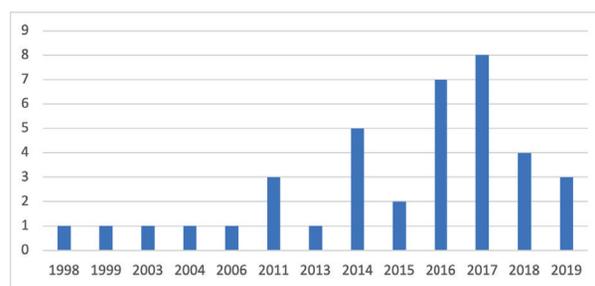
Definidos os 38 artigos, partiu-se para a etapa de análises bibliométrica e de conteúdo. Os métodos bibliométricos fornecem informações úteis como publicações mais relevantes, autores e estrutura do campo de pesquisa (Zupic; Čater, 2015). A análise de conteúdo consistiu na análise crítica dos artigos para a classificação (Ghina *et al.*, 2015), utilizando esquemas de classificação e tabulação de características e agrupamentos em *clusters* ou temas (Paré *et al.* 2015; Sowden *et al.*, 2009). Após a leitura, os artigos foram categorizados de acordo com o objetivo, tema central, metodologia e resultados, possibilitando melhor compreensão dos “campos de concentração da literatura atual” (Ribeiro; Plonski, 2020, p. 22). Dos 38 artigos, 2 não foram localizados, portanto apenas as informações constantes nos seus respectivos resumos foram consideradas.

## 4 ANÁLISE SISTEMÁTICA

### 4.1 Evolução das publicações

Pela distribuição dos 38 artigos no decorrer dos anos, nota-se uma concentração em 2017, com 21% do total, em seguida os anos de 2016 e 2014 com 7 e 5 artigos, respectivamente. O artigo mais antigo foi publicado em 1998 (Figura 2).

Figura 2 Publicações por ano



Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação à origem das publicações, além daquelas referentes aos periódicos brasileiros (9 artigos), as demais são lideradas em número pela Espanha (5 artigos), em seguida EUA e Suécia empatados com 4 artigos cada um (Quadro 2). Ainda que referente a um período diferente, Meyer *et al.* (2014) mostraram a predominância de artigos publicados sobre empreendedorismo pelos países anglo-saxões EUA, Reino Unido e Canadá, nos dois períodos analisados (1992 a 2002 e 2003 a 2009).

Quadro 2 Publicações por país

Base	País	Nº de publ.
Portal CAPES	Brasil	9
Web of Science	Espanha	5
	EUA e Suécia	4
	África do Sul e Noruega	3
	Alemanha	2
	Austrália, China, Croácia, Escócia, Eslovênia, Holanda, Inglaterra e Ucrânia	1

Fonte: elaborado pelos autores.

## 4.2 Citações

Dos 29 artigos obtidos na base *Web of Science*, 21 foram citados uma ou mais vezes. Para minimizar o viés, que poderia ser causado ao considerar o número de citações isoladamente, calculou-se a média por ano (Ribeiro; Plonski, 2020). Para os artigos obtidos no Portal CAPES, o número de citações foi obtido na base *Google Scholar*, conforme também fizeram Oliveira et al. (2016). Dos 9 artigos, 5 foram citados uma ou mais vezes e o mesmo cálculo de média de citações por ano foi feito. A classificação dos periódicos nacionais em termos de impacto foi obtida na Plataforma Sucupira, base Qualis Periódicos da CAPES, quadriênio 2013-2016 (CAPES, 2020b).

Os 5 artigos com maior média de citações por ano são da área de pesquisa *Business&Economics* (Administração e Economia), conforme classificação

da base *Web of Science* e correspondem a 72% do total de citações. A concentração dos artigos mais citados em periódicos desta área justifica-se pela origem do conceito de empreendedorismo, identificado por economistas e depois expandindo-se para diversas áreas das ciências humanas (Filion, 1999) e pelo surgimento da EE em cursos universitários de negócios e engenharia (Vesper; Gartner, 1997). Além disso, a EE pode ser considerada um tema de fronteira na área de Administração (Krakauer et al., 2017). Os dados de fator de impacto dos periódicos internacionais foram obtidos pelo *Scimago Journal & Country Rank* (SJR, 2019), conforme também utilizaram Junior et al. (2018). Os indicadores SJR, *H Index* e citações por documento constam no Quadro 3, que apresenta os 5 artigos com maior média de citações por ano, todos da área de Administração e Economia.

**Quadro 3** Os 5 artigos mais citados

Artigo	Média*	Periódico	Referência
<i>Enterprise education: Influencing students' perceptions of entrepreneurship</i>	34	<i>Entrepreneurship Theory and Practice</i>	Peterman e Kennedy (2003)
<i>Entrepreneurship and female youth: Knowledge, attitudes, gender differences, and educational practices</i>	8	<i>Journal of Business Venturing</i>	Kourilsky e Walstad (1998)
<i>The impact of entrepreneurship education in high school on long-term entrepreneurial performance</i>	8	<i>Journal of Economic Behavior &amp; Organization</i>	Elert et al. (2015)
<i>The effect of early entrepreneurship education: Evidence from a field experiment</i>	7	<i>European Economic Review</i>	Huber et al. (2014)
<i>Policy and entrepreneurship education</i>	5	<i>Small Business Economics</i>	Hoppe (2016)

**Fonte:** elaborado pelos autores. Nota: \*Média de artigos por ano

## 4.3 Periódicos e Áreas de Pesquisa

Em termos de áreas de pesquisa, Educação predomina com 13 dos 29 artigos obtidos na base *Web of Science*, em seguida Administração e Economia com 12 artigos. Os periódicos separados por área e seus respectivos índices de fator de impacto estão no Quadro 4. Ao contrário do que ocorre com pesquisas de EE no nível universitário, em que predominam publicações em periódicos de Administração e Economia (Fellnhofner, 2019; Naia et al., 2014), essa maior participação da área de Educação pode ser justificada

por envolver a educação básica. Além disso, outras áreas como Ciências Sociais, Sociologia e Psicologia também estão presentes. Johan et al. (2018) constataram que o campo de pesquisa de EE apresenta evidências de heterogeneidade.

Os artigos nacionais, respectivos periódicos e classificações Qualis da CAPES constam no Quadro 5. Os periódicos denominados “Interdisciplinares” publicam artigos de Administração, Educação e Ensino.

Importa observar que nenhum desses periódicos está listado no SJR. A exemplo do que apontaram Junior et al. (2018), há muito a ser feito em termos

**Quadro 4** Fator de impacto dos periódicos por área

	Periódicos	Nº Artigos	Fator de impacto 2019		
			SJR	H Index	Citação
Administração e Economia	Journal of Business Venturing	1	4,98	170	11,01
	Entrepreneurship Theory and Practice	1	3,57	140	16,35
	European Economic Review	1	2,42	122	2,143
	Small Business Economics	1	1,93	120	6,335
	Organization	1	1,73	95	3,895
	Journal of Economic Behavior & Organization	1	1,48	108	1,836
	Labour Economics	1	1,37	70	1,543
	Economic Research-Ekonomska Istrazivanja	1	0,49	21	2,751
	Entrepreneurship Research Journal	1	0,37	11	1,917
	South African Journal of Economic and Management Sciences	2	0,22	13	1,016
	Actual Problems of Economics	1	0,13	13	0
Educação	Urban Education	1	2,08	52	3,484
	Journal of Curriculum Studies	1	1,18	54	1,956
	Oxford Review of Education	1	0,95	58	1,875
	Scandinavian Journal of Educational Research	2	0,79	41	2,154
	European Journal of Special Needs Education	1	0,76	41	1,936
	Revista de Educacion	2	0,56	24	0,9
	Asia Pacific Education Review	1	0,48	27	1,299
	South African Journal of Education	1	0,37	23	1,067
	Zeitschrift Fur Padagogik	1	0,29	21	0,313
	Croatian Journal of Education	2	0,22	7	0,304
CS	Sociological Research Online	1	0,67	45	1,811
	Sage Open	1	0,32	25	1,028
	Ids Bulletin-Institute of Development Studies	1	0,22	42	0,368
P	Anales de Psicologia	1	0,44	26	1,643

Fonte: (SJR, 2019). Nota: Citação (Citações por documento), CS (Ciências Sociais) e P (Psicologia).

de produção científica brasileira para haver destaque nacional e internacional.

## 5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Os 5 grupos temáticos foram definidos com base na análise dos artigos e em outros estudos de revisão sistemática de literatura sobre EE e o campo

de empreendedorismo, como é o caso da pesquisa de Meyer *et al.* (2014). O Quadro 6 apresenta na primeira coluna os termos adotados para os grupos e na segunda os termos identificados na literatura, bem como os respectivos autores.

A respeito da categorização dos artigos, alguns esclarecimentos são pertinentes. Dos 20 artigos relacionados à avaliação e efeitos de iniciativas, aqueles cujo objetivo foi mensurar os efeitos na intenção, na

**Quadro 5** Artigos nacionais

	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Média de citações/ano*</b>	<b>Periódico</b>	<b>Qualis CAPES</b>
<b>Adm.</b>	Muylder, Dias e Oliveira	2013	0,14	Revista de Ciências da Administração	B1
	Farias	2018	0	Revista FOCO	B4
	Paschoal, Marasea e Barbosa	2017	0	Revista GESTO	B4
	Alcantara et al.	2017	0	Brazilian Journal of Development	**
<b>Interd.</b>	Gomes e Silva	2018	1,5	Revista HOLOS	B2
	Gomes et al.	2014	0,8	Revista HOLOS	B2
	Vianna e Bondioli	2014	0	Revista Eniac Pesquisa	B2
	Martins, Diesel e Silva	2016	0,5	Revista Thema	B4
<b>E</b>	Reina e Santos	2017	0,7	Temas em Educação e Saúde	B4

**Fonte:** elaborado pelos autores.

**Nota:** \*Cálculo feito pelos autores. \*\*Não localizado. Adm. (Administração), Interd. (Interdisciplinares) e E (Educação).

**Quadro 6** Grupos identificados e referências na literatura

<b>Termos Adotados</b>	<b>Identificados na literatura</b>	<b>Pittaway e Cope (2007)</b>	<b>Meyer et al. (2014)</b>	<b>Galvão et al. (2018)</b>	<b>Johan et al. (2018)</b>	<b>Fellnhofer (2019)</b>	<b>Ribeiro e Plonski (2020)</b>
Efeitos de iniciativas	Estudos de impacto de EE					✗	
Avaliação de iniciativas	Desenho e avaliação de iniciativas de EE	✗				✗	
Perfil empreendedor	Espírito empreendedor			✗			
	Aspectos cognitivos do empreendedorismo		✗				
	Comportamento empreendedor, autoeficácia e habilidades empreendedoras				✗		
Análise curricular, políticas e práticas pedagógicas	Políticas orientadas à EE	✗				✗	
	Boas práticas em sala de aula.						✗
Perspectivas teóricas e histórico da EE	Perspectivas teóricas do empreendedorismo		✗				
	Ensaio crítico sobre EE						✗

**Fonte:** elaborado pelos autores.

atitude ou em quaisquer habilidades empreendedoras dos alunos que passaram por determinada iniciativa ficaram no grupo “Efeitos de EE nos alunos”. Os demais, relacionados à avaliação de iniciativas de forma geral (materiais, métodos etc.) ficaram em “Avaliação de Iniciativas”. Por outro lado, pesquisas que analisaram se um determinado grupo de alunos tinha um perfil empreendedor, qual o grau de atitude

empreendedor demonstrado ou qual seu potencial empreendedor, independentemente de terem contato com EE, foram classificadas como “Perfil empreendedor”. Esse grupo contempla também pesquisas em países em que a EE faz parte do currículo escolar, mas não aquelas cujo objetivo principal foi medir o efeito de uma iniciativa.

## 5.1 Análise curricular, políticas e práticas pedagógicas

Nas últimas décadas, políticas governamentais influenciaram a implementação da EE em escolas. Um dos artigos mais citados desse grupo é *Policy and entrepreneurship education* de Hoppe (2016), cujos detalhes constam no Quadro 7, que apresenta os pontos principais discutidos nos artigos de periódicos internacionais. Discussões sobre o tema em escolas secundárias norte-americanas iniciaram nos anos 1990, em Chicago e Washington DC (Fitzgerald, 1999). Dado o estímulo à promoção do empreende-

dorismo por parte da União Europeia, com registros oficiais desde 2006 expressando a importância de promover o espírito empreendedor (Hoppe, 2016), países membros desenvolveram formas de incluir a EE como política pública em escolas. A Escócia inclui o tema na agenda governamental em 2002 (Deuchar, 2004) e a Suécia em 2011 (Berglund *et al.*, 2017). Na África do Sul a EE ainda não faz parte da grade curricular e na China, pelo artigo não ficou claro se há política pública, mas a pesquisa comprovou que a maioria dos alunos nunca teve contato com o empreendedorismo na escola.

**Quadro 7** Políticas de EE

País/Região	Conteúdo	Autores
África do Sul	Empreendedorismo não faz parte da grade curricular escolar. O currículo do ensino médio contempla apenas <i>Business Studies</i> ou Estudos de Negócios.	Meintjes <i>et al.</i> (2015)
China	EE em escolas de ensino médio está no início. Pesquisa com alunos de 12 a 18 anos: a maioria nunca tinha recebido EE.	Xu <i>et al.</i> (2016)
Croácia	Aprendizagem empreendedora deve ser introduzida em todas as formas, tipos e níveis de educação formal ou não. A grade curricular oferece uma estrutura formal para a inclusão do empreendedorismo como disciplina transversal.	Peko e Varga (2016)
Escócia	2002: órgão governamental registrou importância da participação de jovens em atividades empresariais; EE considerada como forma de conhecimento do mundo real e de desenvolvimento de habilidades para a criação de projetos.	Deuchar (2004)
Eslovênia	Oficinas empreendedoras dedicadas à promoção da criatividade, inovação e empreendedorismo entre jovens.	Halilović <i>et al.</i> (2014)
Espanha	2014: o Conselho de Ministros aprovou políticas para ampliação da educação, formação e empreendedorismo como principais eixos estratégicos.	Oliver <i>et al.</i> (2016)
	Programas na Andaluzia: promoção da cultura empreendedora na escola e expansão para outras regiões.	Guerrero (2014)
EUA	Washington DC: estratégia de ensinar os alunos a iniciarem um negócio para atender às necessidades da comunidade defendida pela organização <i>Center for Law and Education</i> . Chicago: reforma escolar e parceria com <i>Youth Enterprise Network (YEN)</i> resultam em piloto de uma iniciativa de EE em três escolas secundárias.	Fitzgerald (1999)
Suécia	2011: EE no currículo do ensino médio.	Berglund <i>et al.</i> (2017)
União Europeia	2006: documentos oficiais expressavam a necessidade de promover o espírito empreendedor entre os cidadãos.	Hoppe (2016)

**Fonte:** elaborado pelos autores.

No Brasil, é preciso avançar estimulando a EE em outras instâncias educacionais, além das universidades, onde já ocorre desde os anos 90 (Reina; Augusto, 2017). Ao ressaltar a importância de ter a EE “o mais cedo possível na vida escolar de cada indivíduo” (Farias, 2018, p. 47), a autora destaca a necessidade de

reconfiguração da escola de ensino básico em resposta às novas dinâmicas tecnológicas, sociais e culturais existentes. Paschoal *et al.* (2017, p. 133) constataram haver “falta de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo nas escolas de ensino médio”, observando que alguns docentes desenvolveram atividades como

feiras para divulgação de produtos elaborados pelos alunos, porém sem receberem capacitação específica.

No entanto, iniciativas avulsas como o Programa Miniempresa da *Junior Achievement* do Ceará, relatado por Alcantara *et al.* (2018), mostram que parcerias entre organizações da sociedade civil e escolas estaduais de ensino médio e profissional podem trazer bons resultados, proporcionando aos alunos uma melhor compreensão do funcionamento de uma empresa e a experiência empreendedora.

O outro artigo mais citado deste grupo é *How do teachers interpret and transform entrepreneurship education?*, de Fejes *et al.* (2019), que identifica exercícios realistas e práticos de empreendedorismo utilizados em escolas. O Quadro 8 traz algumas práticas pedagógicas tratadas nas publicações, incluindo exemplos mencionados em artigos classificados em outros grupos.

**Quadro 8** Práticas de EE

País	Conteúdo	Autores
Suécia*	Exercícios práticos, como venda de produtos na escola.	Fejes <i>et al.</i> (2019)
	Iniciativa <i>Seeds of the Future: Rally Ambiental</i> (desenvolvimento sustentável), pesquisa histórica, Minha Primeira Empresa, Empreendedorismo Prático e Orientação para Negócios. Empreendedorismo social: atividade "Faça a Diferença", incentivando o olhar para problemas da sociedade.	Berglund <i>et al.</i> (2017)
Holanda*	<i>BizWorld</i> : programa de aprendizagem experiencial.	Huber <i>et al.</i> (2017); Huber <i>et al.</i> (2014)
Espanha*	Simulação de empresas em formato de jogos.	Aranda <i>et al.</i> (2016)
Brasil	Metodologias ativas com jogos vivenciais. Contato com empreendedores reais (visitas e palestras) e criação de empresa fictícia.	Gomes <i>et al.</i> (2014)
	Formação de empresa e criação de produto.	Alcantara <i>et al.</i> (2018)

**Fonte:** elaborado pelos autores. Nota: \*Artigos classificados em outros grupos.

A discussão sobre práticas pedagógicas de EE em escolas parece ser ainda incipiente. No nível universitário, Thomassen *et al.* (2019) identificaram a pedagogia e a didática como temas centrais de metade das publicações sobre EE analisadas. Nota-se, portanto, que há oportunidade para novas investigações do tema em outros níveis de ensino.

## 5.2 Avaliação e efeitos de iniciativas

Conforme mencionado, os 20 artigos foram separados em grupos pelo critério do foco central ser na avaliação da iniciativa ou em seus efeitos nos alunos.

### 5.2.1 Avaliação de iniciativas

Esse grupo traz artigos que avaliam as iniciativas de EE sob algumas perspectivas. O gênero e a caracterização da figura do empreendedor em 3 diferentes iniciativas de EE introduzidas em escolas

suecas foram analisados por Berglund *et al.* (2017). Constataram que os materiais pedagógicos mostram o empreendedor como um indivíduo atuante e adaptável, responsável não apenas pelo seu bem-estar, como também por criar uma sociedade próspera, mas sem caracterização de gênero. O caráter empreendedor também é tratado no artigo que lidera o grupo em termos de médias de citações por ano, nele Morrin (2018) procura compreender como é caracterizado o empreendedor em uma escola na Inglaterra. Características como determinação, paixão, tomada de risco, resolução de problemas e trabalho em equipe são trabalhadas com os alunos, no entanto, a autora critica a representação realista das políticas neoliberais no conteúdo abordado sobre empreendedorismo.

Outra perspectiva é a verificada por Martin (2017), que analisou a percepção de candidatos a professores sobre a iniciativa *Junior Achievement*, de EE em escolas de ensino médio. Depois de participarem, 95% relataram que se beneficiaram pessoalmente e

100% profissionalmente, além disso, tiveram a oportunidade de melhorar suas habilidades de ensino e vivenciar uma experiência significativa, prestando um serviço à comunidade local.

A publicação mais antiga avaliou uma iniciativa implementada em três escolas de Chicago, EUA, no final dos anos 90 (Fitzgerald, 1999). A experiência da *Youth Enterprise Network* sugere que as organizações comunitárias têm potencial para criar reformas na prática educacional. Novos métodos de ensino foram introduzidos, estudantes expostos às opções de carreira e houve uma melhor conexão entre os trabalhos escolares e o mundo do trabalho.

No Brasil, duas publicações contemplaram experiências com alunos do ensino médio integrado do IFRN (Instituto Federal do Rio Grande do Norte). Uma delas avaliou um projeto de extensão sobre empreendedorismo, destacando a importância da integração entre teoria e prática, por incluir a visita de alunos a empresas da região (Gomes *et al.*, 2014). A outra analisou a percepção dos concluintes do ensino médio integrado em relação a uma disciplina de gestão. Destacaram-se, além da experiência de criação de empresa fictícia, também a prática de atitudes pessoais e profissionais, como organizar o tempo, superar o comodismo, inovar, empreendedorismo, planejamento, trabalho em equipe, liderança e meios de inserção no mercado de trabalho (Gomes; Silva, 2018).

### 5.2.2 Efeitos de iniciativas

Esse é o grupo com mais publicações e apresenta estudos com crianças a partir de 11 anos. Nele está o artigo com mais citações no total e médias por ano, que avalia a intenção em empreender de estudantes que participaram da iniciativa *Young Achievement Australia* (Peterman; Kennedy, 2003). A intenção empreendedora é mencionada no estudo bibliométrico de Kakouris e Georgiadis (2016), juntamente com a orientação empreendedora, como um dos subconjuntos mais numerosos em citações, dentre as pesquisas sobre EE. Mais recentemente, Ribeiro e Plonski (2020) identificaram a intenção em empreender como tópico relevante, correspondendo a mais de um quarto da amostra de artigos de sua revisão de literatura sobre a EE.

O Quadro 9 apresenta a amostra, o foco, os métodos e os resultados dos artigos. Os objetos de pesquisa envolvem desde a mensuração da atitude empreendedora e da intenção em empreender, competências e habilidades empreendedoras, até desempenho escolar e motivação de alunos com necessidades especiais. Em 9 das 12 pesquisas foi adotado o grupo de controle, que consiste na aplicação do instrumento de pesquisa àqueles que não passaram pela iniciativa de EE. O único artigo nacional fez uma comparação da percepção de alunos ingressantes e concluintes do ensino médio (Muylder *et al.*, 2013). Os questionários antes e depois de passarem pela iniciativa foram utilizados em 6 pesquisas, incluindo aquela com a maior amostra (2.751 respondentes), realizada em escolas holandesas (Huber *et al.*, 2014). Apenas um artigo (o segundo mais citado, em média de citações/ano) utilizou a análise estatística longitudinal para identificar o impacto a longo prazo de uma iniciativa de EE (Elert *et al.*, 2015). Ribeiro e Plonski (2020) identificaram artigos envolvendo análises longitudinais que avaliam o impacto após a vivência em um curso ou programa.

Dentre os efeitos positivos decorrentes da EE destacam-se melhor desempenho acadêmico (Johansen; Somby, 2016), aumento do desejo de abrir um negócio (Peterman; Kennedy, 2003), da intenção empreendedora (García-Rodríguez *et al.*, 2019) e na percepção de viabilidade de iniciar um negócio (García-Rodríguez *et al.*, 2019; Peterman; Kennedy, 2003). Adicionalmente, houve efeitos positivos nas atitudes empreendedoras (Aranda *et al.*, 2016; García-Rodríguez *et al.*, 2019), nas habilidades empreendedoras não cognitivas (Huber *et al.*, 2014) e no desenvolvimento de competências empreendedoras e da capacidade de lidar com riscos (Muylder *et al.*, 2013). Duas pesquisas não encontraram diferenças (Johansen, 2014; Somby; Johansen, 2017) e outra identificou que o conhecimento sobre o empreendedorismo não é afetado pela iniciativa (Huber *et al.*, 2014).

### 5.2.3 Perfil empreendedor

Esse grupo contempla estudos que avaliaram, sobretudo, o perfil empreendedor de jovens estudantes, independentemente de terem tido alguma forma-

**Quadro 9** Efeitos de iniciativas

Amostra	Foco	Resultado	Autores
<b>Quantitativa, uso de questionário, grupo de controle</b>			
1.400 estudantes de ensino médio participantes do <i>Company Program</i> (CP) e 1.100 pós-graduados.	Desempenho acadêmico.	Não há diferença nas notas entre participantes e não participantes.	Johansen (2014)
1.880 estudantes da 10ª série, incluindo participantes do Programa Empresarial para Alunos (PEP) e aqueles com necessidades especiais.	Desempenho acadêmico de alunos com necessidades especiais	Participantes obtêm melhores notas em norueguês e matemática do que não participantes.	Johansen e Somby (2016)
	Motivação e esforços de alunos com necessidades especiais	Participação em PEP não tem impacto na motivação ou no esforço.	Somby e Johansen (2017)
<b>Quantitativa, uso de questionário pré e pós e grupo de controle</b>			
117 estudantes de ensino médio participantes do <i>Young Achievement</i>	Desejo de abrir um negócio	Percepções significativamente mais altas de desejo e viabilidade.	Peterman e Kennedy (2003)
307 estudantes de 8 a 11 anos, participantes do programa <i>Emprender en la Escuela</i> .	Intenção empreendedora (IE), viabilidade de iniciar um negócio e atitudes empreendedoras	Aumento na IE dos participantes, em sua percepção da viabilidade de iniciar um negócio e atitudes empreendedoras.	García-Rodríguez <i>et al.</i> (2019)
990 estudantes do ensino médio (16 a 18 anos) participantes de simulação de negócios	Atitudes empreendedoras	Dimensões do EAO ( <i>Entrepreneurship Attitude Orientation</i> ) são afetadas positivamente pela simulação, exceto o Controle Pessoal.	Aranda <i>et al.</i> (2016)
2.751 estudantes de 11 e 12 anos, participantes do <i>BizWorld</i>	Conhecimento sobre empreendedorismo e habilidades empreendedoras não cognitivas	Conhecimento não é afetado pelo programa, mas tem efeito positivo nas habilidades empreendedoras não cognitivas	Huber <i>et al.</i> (2014)
146 estudantes de 14 e 15 anos de 22 escolas eslovenas participantes de oficinas de EE	Inovação e as habilidades empreendedoras	Melhora no comportamento inovador empreendedor dos participantes e nas competências empreendedoras	Halilović <i>et al.</i> (2014)
<b>Quantitativa (questionário pré e pós e grupo de controle) e qualitativo (observações e entrevistas)</b>			
47 estudantes de <i>Business Studies</i> - 11ª série (ensino médio)	Competências empreendedoras	Competências empreendedoras de reconhecimento e solução de problemas aprimoradas	Meintjes <i>et al.</i> (2015)
<b>Quantitativa, experimento e observações</b>			
224 equipes de 5 ou 6 crianças de 11 e 12 anos, participantes do <i>BizWorld</i>	Comportamento sustentável (CS) em um ambiente empresarial	Promoção da sustentabilidade não leva a mudança no CS. Efeito positivo no CS quando recompensa monetária está vinculada a medidas de resultados sustentáveis	Huber <i>et al.</i> (2017)
<b>Quantitativa, análise estatística longitudinal</b>			
9.731 indivíduos que participaram do <i>Junior Achievement Company Program</i> (JACP) de 1994 a 1996	Impacto a longo prazo da EE quanto ao desempenho e sobrevivência do empreendedor.	Embora a participação no JACP aumente a probabilidade de longo prazo de abrir uma empresa, não há efeito na sua sobrevivência.	Elert <i>et al.</i> (2015)
<b>Quantitativa descritiva</b>			
313 estudantes de uma escola de ensino médio brasileira, sendo 175 ingressantes e 138 concluintes.	Comparação da percepção sobre a EE entre ingressantes e concluintes.	EE contribui para a escolha de ser empreendedor; capacidade de lidar com riscos e maturidade profissional.	Muylder <i>et al.</i> (2013)

**Fonte:** elaborado pelos autores.

ção específica em empreendedorismo durante a vida escolar. Pesquisadores buscam diferentes amostras de estudantes para analisarem o grau de conhecimento que têm sobre o empreendedorismo, compreender suas atitudes, autoeficácia e intenção em empreender, além das habilidades ou competências empreendedoras. Juntamente com a orientação empreendedora, a autoeficácia foi classificada por Meyer *et al.* (2014) como parte do subconjunto “aspectos cognitivos do

empreendedorismo”, estando presente em estudos sobre competências empreendedoras e também EE (Edwards-Schachter *et al.*, 2015; Pérez-lópez *et al.*, 2016). Johan *et al.* (2018) identificaram temas como “comportamento empreendedor”, “autoeficácia empreendedora” e “habilidades empreendedoras” como relevantes na produção científica sobre EE. O Quadro 10 mostra o foco dos artigos, público pesquisado e principais resultados.

**Quadro 10** Perfil Empreendedor

Amostra	Foco	Resultado	Autores
<b>Teste de Escala de Atitude</b>			
1.746 estudantes de escolas de ensino médio (EM) sul-africanas	Atitudes empreendedoras (AE)	Não houve diferenças nas AEs entre os expostos ou não à EE, nem mesmo entre aqueles com pais autônomos ou proprietários de negócio.	Steenekamp <i>et al.</i> (2011)
267 estudantes de EM e 257 universitários espanhóis		Diferenças entre os sexos em algumas dimensões do empreendedorismo; destaca-se também a pouca visibilidade do auto-emprego.	Oliver <i>et al.</i> (2016)
<b>Teste de Escala de Atitude e métodos qualitativos</b>			
1324 estudantes de EM no Kenya	AE, autoeficácia e potencial para parcerias no agronegócio	Jovens que cresceram em empresas familiares desenvolvem experiências baseadas na prática, influenciando sua autoeficácia e intenções empreendedoras. Eles devem ser expostos à EE para terem condições de identificar oportunidades potenciais do agronegócio.	Muchira (2018)
<b>Metodologia quantitativa (questionários) e Qualitativa (análise respostas abertas)</b>			
317 estudantes de EM de 8 escolas públicas e privadas espanholas	Competências empreendedoras, habilidades sociais, iniciativa e a auto-consciência em relação à iniciativa	Estudantes que apresentam identidade pessoal mais bem sucedida, com objetivos claros de vida, parecem ter melhores condições como empreendedores.	Guerrero (2014)
<b>Metodologia quantitativa com uso de questionário</b>			
Pesquisa nacional com 1000 estudantes de EM nos EUA, de 14 a 19 anos	Conhecimento e AE de jovens e eventuais diferenças entre gêneros	Baixo nível de conhecimento sobre empreendedorismo; mulheres apresentaram-se mais conscientes de suas deficiências no tema.	Kourilsky e Walstad (1998)
966 estudantes de escolas primárias da Croácia (4ª e 8ª série)	Percepção em relação à iniciativa	Sem diferenças entre gênero, mas sim de idade. Faltam práticas educacionais para o desenvolvimento de competências empreendedoras nas escolas.	Peko e Varga (2016)
275 estudantes de EM sul africanos	Potencial empreendedor; características e habilidades empreendedoras	Fatores que influenciam propensão a ter seu próprio negócio: gênero, origem étnica e ter um modelo em quem se inspirar, além de adquirir habilidades pessoais para administrar o próprio negócio.	Mahadea <i>et al.</i> (2011)
1.034 estudantes chineses de 12 a 18 anos		A maioria nunca recebeu EE, podendo explicar o fato de terem menos intenção em empreender, além de acharem que o sucesso do empreendedor depende de sorte ou de alguma causa externa.	Xu <i>et al.</i> (2016)
897 estudantes de EM de escolas espanholas		Estudantes do gênero feminino: predisposição maior para serem empreendedoras, além de desenvolverem aptidões como motivação, dedicação e empatia. Empreendedorismo reconhecido como opção de emprego futura.	Garrido-Yserte <i>et al.</i> (2020)

Fonte: elaborado pelos autores.

O Teste de Escala de Atitudes foi utilizado como método em três artigos, a metodologia quantitativa adotada por todos e apenas dois utilizaram metodologias qualitativas para complementar a análise. A recomendação de haver maior exposição dos jovens a conteúdos de EE prevalece, já que pesquisas deste grupo envolvem jovens não ou quase nada expostos ao tema. A necessidade de práticas educacionais que estimulem o desenvolvimento de características pessoais e de competências empreendedoras dos estudantes é destacada por Xu *et al.* (2016) e Peko e Varga (2016).

#### 5.2.4 Perspectivas teóricas e histórico da educação empreendedora

Discussões teóricas a respeito da EE estão presentes nos 3 artigos classificados nesse grupo. Groppe (2006) analisa a importância do sistema educacional do século XIX e início do XX para os empreendedores, que dependiam do tipo de escola que escolheriam para seus filhos e da formação complementar em casa, para garantirem a sucessão em seus negócios. Madzigon e Vachevskyi (2011) defendem a necessidade de alunos de ensino médio estudarem a origem e o desenvolvimento do empreendedorismo, além de terem o conhecimento da atividade empreendedora, possibilitando o desenvolvimento das habilidades necessárias para o trabalho.

O artigo nacional discute o paradigma sociológico da EE, em comparação ao sistema tradicional de ensino (Farias, 2018). A autora classifica a EE no paradigma interpretativista, considerando ser o estudante o protagonista de seu aprendizado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em uma revisão sistemática com o objetivo de analisar a literatura sobre EE na educação básica, considerando os principais aspectos, metodologias utilizadas, resultados alcançados e oportunidades de estudos futuros. Além da base *Web of Science*, foi consultado também o Portal

CAPES/MEC, a fim de obter os artigos publicados em revistas brasileiras.

O campo de estudo é recente, estando os 38 artigos distribuídos em apenas 21 anos (1998 a 2019) e concentrados nos anos 2010. As publicações estão divididas principalmente entre as áreas de Administração e Economia (20 artigos) e Educação (14 artigos). Dentre os artigos internacionais, há praticamente um empate entre ambas, enquanto os nacionais se concentram em periódicos de Administração e mistos, havendo apenas 1 artigo da área de Educação.

A classificação em grupos temáticos permitiu visualizar os principais conteúdos abordados, são eles: **análise curricular, políticas e práticas pedagógicas; avaliação e efeitos de iniciativas; perfil empreendedor de alunos; e perspectivas teóricas e histórico da EE.** Destaca-se a falta de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo nas escolas do Brasil (Paschoal *et al.*, 2017), China (Xu *et al.*, 2016) e África do Sul (Meintjes *et al.*, 2015). Em regiões dos EUA discute-se o tema desde os anos 1990 e na União Europeia documentos oficiais datam de 2006 (Hoppe, 2016). Em termos de práticas pedagógicas, na Suécia são mencionados o empreendedorismo social, a sustentabilidade (Berglund *et al.*, 2017) e a venda de produtos na escola (Fejes *et al.*, 2019), na Holanda programas de aprendizagem experiencial (Huber *et al.*, 2017, 2014) e simulação de empresas em formato de jogos na Espanha (Aranda *et al.*, 2016).

No Brasil, as metodologias ativas com jogos vivenciais (Gomes *et al.*, 2014) e a criação de empresas fictícias (Alcantara *et al.*, 2018; Gomes *et al.*, 2014). A investigação sobre os efeitos das iniciativas de EE aparece em maior número de publicações, vindo em segundo lugar aqueles que analisam o perfil empreendedor dos estudantes. Os efeitos na intenção e na atitude empreendedora estão entre os aspectos mais investigados, o que condiz ao visto em estudos em nível universitário (Galvão *et al.*, 2018; Johan *et al.*, 2018). A mensuração de efeitos e a avaliação de iniciativas trazem resultados que auxiliam gestores públicos e especialistas na área educacional a tomarem decisões a respeito da inclusão de EE no currículo escolar (Streicher *et al.*, 2019).

Como oportunidade para estudos futuros, alguns pontos relevantes:

- a) pouco é debatido sobre práticas pedagógicas: ao contrário do identificado por Thomassen *et al.* (2019) em sua revisão de literatura sobre o contexto da EE no nível universitário, com metade das publicações voltadas à pedagogia e à didática, para a educação básica o campo ainda é pouco explorado;
- b) concentração de países: a participação mais significativa de pesquisas europeias, representadas por 20 dos 38 artigos, reflete a introdução da modalidade na educação básica em diversos países, conforme recomendação da Comunidade Europeia (European Commission, 2019). Há espaço para pesquisas brasileiras, tendo em vista somente 9 publicações da temática localizadas no Portal CAPES/MEC;
- c) destaque para pesquisas sobre efeitos de iniciativas: dos 5 artigos mais citados, 3 investigam os efeitos de iniciativas. Nesse tema, há autores que se repetem, amostras e países de origem também. Apenas 3 publicações tiveram como amostra países fora do continente europeu. É primordial que pesquisadores de outros continentes produzam pesquisas nesta área, trazendo experiências de suas realidades;
- d) avaliação de iniciativas pode ser aprofundada: além da pequena participação das publicações com esse foco, há oportunidade para a comparação de práticas pedagógicas, conteúdos e formatos de iniciativas implementados em diferentes escolas;
- e) pesquisas nacionais em periódicos de maior impacto: dos 9 artigos nacionais, apenas 1 foi publicado em periódico de classificação Qualis CAPES B1, outros 3 em periódicos B2, havendo oportunidade para pesquisadores brasileiros.

Em termos de contribuições para a teoria, esse estudo possibilita uma melhor compreensão do campo, por organizar as publicações em temas e sugerir oportunidades de pesquisas futuras. Para gestores e demais profissionais envolvidos na EE voltada à educação básica, contribui em apresentar

um panorama de pesquisas teóricas e empíricas e seus resultados. Além disso, este trabalho visa contribuir socialmente com a promoção do desenvolvimento de competências técnicas e profissionais de jovens para o empreendedorismo, conforme destacado na Meta 4 dos ODS.

Como limitações, destacam-se duas. Primeiramente, a escolha de publicações acadêmicas das bases *Web of Science* e Portal CAPES/MEC desconsidera outras publicações denominadas “literatura cinzenta”<sup>1</sup> por Pittaway e Cope (2007, p. 500, tradução nossa), tais como relatórios de instituições governamentais ou privadas, capítulos de livros etc. Outro aspecto são as palavras-chave utilizadas para a busca que podem, eventualmente, ter deixado publicações de fora, embora diferentes consultas tenham sido feitas para minimizar esse risco.

## ■ REFERÊNCIAS

- ALBERTI, F.; SCIASCIA, S.; POLI, A. Entrepreneurship education: notes on an ongoing debate. In: **Proceedings of the 14th Annual IntEnt Conference, University of Napoli Federico II, Italy.** 2004.
- ALCANTARA, S. et al. Empreendedorismo e voluntariado: o programa miniempresa da junior achievement do Ceará. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 1, p. 102-119, 2018.
- ARANDA, D.; SÁNCHEZ, O.; DJUNDUBAEV, R. Efectos de los juegos de simulación de empresas y gamification en la actitud emprendedora en enseñanzas medias. **Revista de Educacion**, v. 371, p. 126-149, 2016.
- ÁVILA, A.; DAVEL, E. Educação empreendedora nas artes: perspectivas e desafios. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 21, n. 2, p. 1-19, 2023. <https://doi.org/10.1590/1679-395120220097x>

<sup>1</sup> Termo original: “grey literature”.

- BERGLUND, K.; LINDGREN, M.; PACKENDORFF, J. Responsibilising the next generation: fostering the enterprising self through de-mobilising gender. **Organization**, v. 24, n. 6, p. 892-915, 2017. <https://doi.org/10.1177/1350508417697379>
- BOON, J.; VAN DER KLINK, M.; JANSSEN, J. Fostering intrapreneurial competencies of employees in the education sector. **International Journal of Training and Development**, v. 17, n. 3, p. 210-220, 2013. <https://doi.org/10.1111/ijtd.12010>
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- CAPES. **Portal Periódicos**. 2020a. Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 4 set. 2020.
- CAPES. **Plataforma Sucupira**. 2020b. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Acesso em: 18 set. 2020.
- CARVALHO, A.; CORREA, R.; CARVALHO, G.; OLAVE, M. Entrepreneurial education in basic education: identifying challenges from a bibliometric analysis and systematic review. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 11, n. 2, 2022. <https://doi.org/10.14211/ibjesb.e2032>
- CARVALHO, M.; FLEURY, A.; LOPES, A. P. An overview of the literature on technology roadmapping (TRM): contributions and trends. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 80, n. 7, p. 1418-1437, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2012.11.008>
- DEUCHAR, R. Changing paradigms-the potential of enterprise education as an adequate vehicle for promoting and enhancing education for active and responsible citizenship: illustrations from a Scottish perspective. **Oxford Review of Education**, v. 30, n. 2, p. 223-239, 2004. <https://doi.org/10.1080/0305498042000215539>
- EDWARDS-SCHACHTER, M. et al. Disentangling competences: interrelationships on creativity, innovation and entrepreneurship. **Thinking Skills and Creativity**, v. 16, p. 27-39, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2014.11.006>
- ELERT, N.; ANDERSSON, F.; WENNBERG, K. The impact of entrepreneurship education in high school on long-term entrepreneurial performance. **Journal of Economic Behavior and Organization**, v. 111, p. 209-223, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2014.12.020>
- ENGLE, R. et al. Entrepreneurial intent: A twelve country evaluation of Ajzen's model of planned behavior. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 16, n. 1, p. 35-57, 2010. <https://doi.org/10.1108/13552551011020063>
- EUROPEAN COMMISSION. **Entrepreneurship Education at School in Europe**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2016.
- EUROPEAN COMMISSION. **Final Report of the expert group "best procedure" project on education and training for entrepreneurship**. Brussels, Belgium, 2002.
- EUROPEAN COMMISSION. **Entrepreneurship education - European Commission**. 2019. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/growth/smes/promoting-entrepreneurship/support/education\\_en](https://ec.europa.eu/growth/smes/promoting-entrepreneurship/support/education_en)>.
- FARIAS, A. O ensino do empreendedorismo na educação básica representa um novo paradigma? **Revista Foco**, v. 11, n. 3, p. 35-52, 2018. [https://doi.org/10.28950/1981-223x\\_revistafocoadm/2018.v11i3.577](https://doi.org/10.28950/1981-223x_revistafocoadm/2018.v11i3.577)

- FAYOLLE, A.; GAILLY, B. From craft to science. **Journal of European Industrial Training**, v. 32, n. 7, p. 569-593, 2008. <https://doi.org/10.1108/03090590810899838>
- FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: hysteresis and persistence. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12065>
- FEJES, A.; NYLUND, M.; WALLIN, J. How do teachers interpret and transform entrepreneurship education? **Journal of Curriculum Studies**, v. 51, n. 4, p. 554-566, 2019. <https://doi.org/10.1080/00220272.2018.1488998>
- FELLNHOFER, K. Toward a taxonomy of entrepreneurship education research literature: a bibliometric mapping and visualization. **Educational Research Review**, v.27, p. 28-55, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.10.002>
- FILION, L. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.
- FITZGERALD, J. Promoting Entrepreneurship among inner-city high school students. Does it improve student outcomes? **Urban Education**, v. 34, n. 2, p. 155-180, 1999. <https://doi.org/10.1177/0042085999342003>
- GALVÃO, A.; FERREIRA, J.; MARQUES, C. Entrepreneurship education and training as facilitators of regional development: a systematic literature review. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 25, n. 1, p. 17-40, 2018. <https://doi.org/10.1108/JSBED-05-2017-0178>
- GARCÍA-RODRÍGUEZ, F.; GUTIÉRREZ-TAÑO, D.; RUIZ-ROSA, I. Analysis of the potential of entrepreneurship education in young children. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 9, n. 1, 2019. <https://doi.org/10.1515/erj-2017-0064>
- GARRIDO-YSERTE, R.; CRECENTE-ROMERO, F.; GALLO-RIVERA, M. T. The relationship between capacities and entrepreneurial intention in secondary school students. **Economic Research-Ekonomska Istrazivanja**, v. 33, n. 1, p. 2322-2341, 2020. <https://doi.org/10.1080/1331677X.2019.1697328>
- GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Global report 2017/18**, 2018. Disponível em: <<https://www.gemconsortium.org/report/50012>>.
- GHINA, A.; SIMATUPANG, T. M.; GUSTOMO, A. Building a systematic framework for entrepreneurship education. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 18, n. 2, p. 73-97, 2015.
- GIBB, A. Designing effective programmes for encouraging the business start-up process: lessons from U.K experience. **Journal of European Industrial Training**, v. 11, n. 4, 1987. <https://doi.org/10.1108/eb002229>
- GOMES, D. C. et al. Empreendedorismo jovem: da escola para o mercado de trabalho. **Holos**, v. 5, p. 333-343, 2014. <https://doi.org/10.15628/holos.2014.2220>
- GOMES, D.; SILVA, L. Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. **Holos**, v. 1, p. 118-139, 2018. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.5264>
- GREENE, P. G. et al. **Entrepreneurship education: a global consideration from practice to policy around the world**, 2015.
- GROPPE, C. Family strategies and educational careers in entrepreneurial families between 1840 and 1920. **Zeitschrift Fur Padagogik**, 2006.
- GUERRERO, A. B. Competencia emprendedora e identidad personal: una investigación exploratoria con estudiantes de educación secundaria obligatoria. **Revista de Educacion**, n. 363, p. 384-411, 2014.

- HALILOVIĆ, P.; CANKAR, F.; TOMINC, P. Innovation and entrepreneurship can be learned and built on. **Croatian Journal of Education**, v. 16, n. 3, p. 133-153, 2014. <https://doi.org/10.15516/cje.v16i0.795>
- HENRY, C.; LEWIS, K. A review of entrepreneurship education research: exploring the contribution of the Education + Training special issues. **Education+ Training**, v. 60, n. 3, p. 263-286, 2018. <https://doi.org/10.1108/ET-12-2017-0189>
- HOPPE, M. Policy and entrepreneurship education. **Small Bus Econ**, v. 46, p. 13-29, 2016. <https://doi.org/10.1007/s11187-015-9676-7>
- HUBER, L. et al. The effect of early entrepreneurship education: Evidence from a field experiment. **European Economic Review**, v. 72, p. 76-97, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.eurocorev.2014.09.002>
- HUBER, L.; SLOOF, R.; VAN PRAAG, M. The effect of incentives on sustainable behavior: evidence from a field experiment. **Labour Economics**, v. 45, p. 92-106, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2016.11.012>
- JOHAN, D.; KRÜGER, C.; MINELLO, I. Educação empreendedora: um estudo bibliométrico sobre a produção científica recente. **Navus - Revista de Gestão e Tecnologia**, p. 125-145, 2018. <https://doi.org/10.22279/navus.2018.v8n4.p125-145.722>
- JOHANSEN, V. Entrepreneurship education and academic performance. **Scandinavian Journal of Educational Research**, v. 58, n. 3, p. 300-314, 2014. <https://doi.org/10.1080/00313831.2012.726642>
- JOHANSEN, V.; SOMBY, H. Does the “pupil enterprise programme” influence grades among pupils with special needs? **Scandinavian Journal of Educational Research**, v. 60, n. 6, p. 736-745, 2016. <https://doi.org/10.1080/00313831.2015.1085894>
- JUNIOR, A. et al. Pesquisa em empreendedorismo (2000-2014) nas seis principais revistas brasileiras de administração: lacunas e direcionamentos. **Cadernos EBAP.BR**, v. 16, n. 4, p. 610-630, 2018.
- KAKOURIS, A.; GEORGIADIS, P. Analysing entrepreneurship education : a bibliometric survey pattern. **Journal of Global Entrepreneurship Research**, v. 6, n. 6, p. 1-18, 2016. <https://doi.org/10.1186/s40497-016-0046-y>
- KITCHENHAM, B. **Procedures for Performing Systematic Reviews**. Keele, UK, 2004.
- KOURILSKY, M. L.; WALSTAD, W. B. Entrepreneurship and female youth: knowledge, attitudes, gender differences, and educational practices. **Journal of Business Venturing**, v. 13, n. 1, p. 77-88, 1998. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(97\)00032-3](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(97)00032-3)
- KRAKAUER, P.; SANTOS, S.; ALMEIDA, M. Teoria da aprendizagem experiencial no ensino de empreendedorismo: um estudo exploratório. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 101-127, 2017. <https://doi.org/10.14211/regepe.v6i1.353>
- LACKÉUS, M. Entrepreneurship in Education: what, why, when, how. **Background paper**, 2015.
- LÓPEZ-FERNÁNDEZ, M.; SERRANO-BEDIA, A.; PÉREZ-PÉREZ, M. Entrepreneurship and family firm research: a bibliometric analysis of an emerging field. **Journal of Small Business Management**, v. 54, n. 2, p. 622-639, 2016. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12161>
- MADZIGON, V.; VACHEVSKYI, M. Quality of education system as a factor for high level of professional competences of marketing managers. **Actual Problems of Economics**, v. 115, n. 1, p. 69-76, 2011.
- MAHADEA, D.; RAMROOP, S.; ZEWOTIR, T. Assessing entrepreneurship perceptions of high school learners in Pietermaritzburg, Kwazulu-Natal. **South African Journal of Economic and Management Sciences**, v. 14, n. 1, p. 66-79, 2011. <https://doi.org/10.4102/sajems.v14i1.59>
- MARTIN, L. Teacher candidates respond to teaching the junior achievement curriculum: an exploratory study. **SAGE Open**, v. 7, n. 1, p. 1-7, 2017. <https://doi.org/10.1177/2158244017697159>

- MCMULLAN, W.; LONG, W. A. Entrepreneurship Education in the Nineties. **Journal of Business Venturing**, v. 2, n. 3, p. 261-275, 1987. [https://doi.org/10.1016/0883-9026\(87\)90013-9](https://doi.org/10.1016/0883-9026(87)90013-9)
- MEINTJES, A.; HENRICO, A.; KROON, J. Teaching problem-solving competency in business studies at secondary school level. **South African Journal of Education**, v. 35, n. 3, p. 1-11, 2015. <https://doi.org/10.15700/saje.v35n3a1102>
- MERETE SOMBY, H.; JOHANSEN, V. Entrepreneurship education: motivation and effort for pupils with special needs in Norwegian compulsory school. **European Journal of Special Needs Education**, v. 32, n. 2, p. 238-251, 2017. <https://doi.org/10.1080/08856257.2016.1223398>
- MEYER, M. et al. Origin and emergence of entrepreneurship as a research field. **Scientometrics**, v. 98, n. 1, p. 473-485, 2014. <https://doi.org/10.1007/s11192-013-1021-9>
- MORRIN, K. Tensions in teaching character: how the “entrepreneurial character” is reproduced, “refused”, and negotiated in an english academy school. **Sociological Research Online**, v. 23, n. 2, p. 459-476, 2018. <https://doi.org/10.1177/1360780418769670>
- MOTTA, V.; GALINA, S. Experiential learning in entrepreneurship education: a systematic literature review. **Teaching and Teacher Education**, v. 121, 2023. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2022.103919>
- MUCHIRA, J. Fostering agribusiness entrepreneurship for kenyan youth through practice-based education. **Institute of Development Studies**, v. 49, n. 5, p. 20, 2018. <https://doi.org/10.19088/1968-2018.175>
- MUYLDER, C.; DIAS, A.; OLIVEIRA, C. Is it possible to teach entrepreneurship? comparative analysis with brazilian students. **Revista de Ciências da Administração**, v. 6, n. 37, p. 82-91, 2013. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2013v15n37p82>
- MWASALWIBA, E. Entrepreneurship education: a review of its objectives, teaching methods, and impact indicators. **Education and Training**, v. 52, n. 1, p. 20-47, 2010. <https://doi.org/10.1108/00400911011017663>
- NABI, G. et al. The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. **Academy of Management Learning & Education**, v. 16, n. 2, p. 277-299, 2017. <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026>
- NAIA, A. et al. Entrepreneurship education literature in the 2000s. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 17, n. 2, 2014.
- OLIVEIRA, L. et al. Avaliação de desempenho e gerenciamento de projetos: uma análise bibliométrica. **Revista de Gestão e Projetos**, v. 7, n. 1, p. 95-113, 2016. <https://doi.org/10.5585/gep.v7i1.329>
- OLIVER, A.; GALIANA, L.; GUTIÉRREZ-BENET, M. Assessment and promotion policies of entrepreneurship in students. **Anales de Psicología**, v. 32, n. 1, p. 183-189, 2016. <https://doi.org/10.6018/analesps.32.1.186681>
- ONU - Organização das Nações Unidas. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. 2015.
- OOSTERBEEK, H.; VAN PRAAG, M.; IJSSELSTEIN, A. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. **European Economic Review**, v. 54, p. 442-454, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.eurocorev.2009.08.002>
- PARÉ, G. et al. Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature reviews. **Information & Management**, v. 52, p. 183-199, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.im.2014.08.008>
- PASCHOAL, L.; MARASEA, D.; BARBOSA, E. Políticas públicas em educação empreendedora: um estudo nas escolas públicas de ensino médio na cidade de Ribeirão Preto no período de 2015-2016. **Revista GESTO**, v. 5, n. 2, p. 118-136, 2017. <https://doi.org/10.20912/2358-0216/v5i2.2469>

- PEKO, A.; VARGA, R. Pupils' initiative in the classroom. **Croatian Journal of Education**, v. 18, n. 3, p. 727-753, 2016. <https://doi.org/10.15516/cje.v18i3.1608>
- PÉREZ-LÓPEZ, M.; GONZÁLEZ-LÓPEZ, M.; RODRÍGUEZ-ARIZA, L. Competencies for entrepreneurship as a career option in a challenging employment environment. **Career Development International**, v. 21, n. 3, p. 214-229, 2016. <https://doi.org/10.1108/CDI-07-2015-0102>
- PETERMAN, N.; KENNEDY, J. Enterprise education: influencing students' perceptions of entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 28, n. 2, p. 129-144, 2003. <https://doi.org/10.1046/j.1540-6520.2003.00035.x>
- PITTAWAY, L.; COPE, J. Entrepreneurship education a systematic review of the evidence. **International Small Business Journal**, v. 25, n. 5, p. 479-510, 2007. <https://doi.org/10.1177/0266242607080656>
- RATTEN, V.; USMANIJ, P. Entrepreneurship education: time for a change in research direction?. **The International Journal of Management Education**, v. 19, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100367>
- REINA, F.; AUGUSTO, R. Educação empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. **Temas em Educação e Saúde**, v. 13, n. 1, p. 147-163, 2017. <https://doi.org/10.26673/rtes.v13.n1.jan-jun2017.10.9592>
- RIBEIRO, A.; PLONSKI, G. Educação empreendedora : o que dizem os artigos mais relevantes ? Proposição de uma revisão de literatura e panorama de pesquisa. **REGPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 1, p. 10-41, 2020. <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1633>
- ROCHA, A.; MORAES, G.; VODA, A.; QUADROS, R. Análise comparativa de modelos de intenção empreendedora: Autoeficácia versus características empreendedoras. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 24, p. 1-35, 2023. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg230209.en>
- SÁNCHEZ, J. The impact of an entrepreneurship education program on entrepreneurial competencies and intention. **Journal of Small Business Management**, v. 51, n. 3, p. 447-465, 2013. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12025>
- SARASVATHY, S.; VENKATARAMAN, S. Entrepreneurship as method: open questions for an entrepreneurial future. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 35, n. 1, p. 113-135, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2010.00425.x>
- SASSETTI, S. et al. Entrepreneurial cognition and socially situated approach: a systematic and bibliometric analysis. **Scientometrics**, v. 116, n. 3, p. 1675-1718, 2018. <https://doi.org/10.1007/s11192-018-2809-4>
- SILVA, C.; PEREIRA, E.; GUIMARÃES, J. Educação empreendedora no ensino superior: uma análise sob a perspectiva dos estudantes de administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 15, n. 4, p. 82-100, 2021. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51262>
- SILVA, J.; PENA, R. O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017. <https://doi.org/10.14211/regepe.v6i2.563>
- SJR. **Scimago Journal & Country Rank**. 2019. Disponível em: <<https://www.scimagojr.com/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

SOMBY, H.; JOHANSEN, V. Entrepreneurship education: motivation and effort for pupils with special needs in Norwegian compulsory school. **European Journal of Special Needs Education**, v. 32, n. 2, p. 238-251, 2017. <https://doi.org/10.1080/08856257.2016.1223398>

SOWDEN, M. et al. Testing methodological guidance on the conduct of narrative synthesis in systematic reviews. **Narrative Synthesis in Systematic Reviews**, v. 49, n. 1, p. 49-74, 2009. <https://doi.org/10.1177/1356389008097871>

SREENIVASAN, A.; SURESH, M. Twenty years of entrepreneurship education: a bibliometric analysis. **Entrepreneurship Education**, v. 6, n. 1, p. 45-68, 2023. <https://doi.org/10.1007/s41959-023-00089-z>

STEENEKAMP, A. et al. Application of the attitude toward enterprise (ATE) test on secondary school learners in south Africa. **South African Journal of Economic and Management Sciences**, v. 14, n. 3, p. 314-332, 2011. <https://doi.org/10.4102/sajems.v14i3.18>

STREICHER, M. et al. Filling in the blanks? the impact of entrepreneurship education on european high school students. In: **Academy of Management Proceedings**, 2019. <https://doi.org/10.5465/AMBPP.2019.168>

THOMASSEN, M. et al. Conceptualizing context in entrepreneurship education: a literature review. **International Journal of Entrepreneurship Behavior & Research**, 2019. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-04-2018-0258>

VESPER, K.; GARTNER, W. Measuring progress in entrepreneurship education. **Journal of Business Venturing**, v. 12, p. 403-421, 1997. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(97\)00009-8](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(97)00009-8)

XU, X.; NI, H.; YE, Y. Factors influencing entrepreneurial intentions of Chinese secondary school students: an empirical study. **Asia Pacific Educ. Rev.**, v. 17, p. 625-635, 2016. <https://doi.org/10.1007/s12564-016-9439-4>

ZUPIC, I.; ČATER, T. Bibliometric methods in management and organization. **Organizational Research Methods**, v. 18, n. 3, p. 429-472, 2015. <https://doi.org/10.1177/1094428114562629>